

## TRANSFORMAÇÃO EM GOIÁS: CAPITALISMO, MODERNIZAÇÃO E NOVAS DISPOSIÇÕES SOCIOESPACIAIS

**Adão Francisco de Oliveira**  
Doutorando IESA/UFG  
[adaofrancisco@gmail.com](mailto:adaofrancisco@gmail.com)

**Eguimar Felício Chaveiro**  
Professor Adjunto IESA/UFG  
[eguimar@hotmail.com](mailto:eguimar@hotmail.com)

**Ubiratan Francisco de Oliveira**  
Graduando IESA/UFG  
[ubiratanfrancisco@yahoo.com.br](mailto:ubiratanfrancisco@yahoo.com.br)

### RESUMO

Este trabalho tem por finalidade discutir o processo de transformação do território goiano nas últimas décadas do século XX para cá, quando o Estado se insere no circuito da modernização e do fluxo intensivo de capital. Nesse sentido, é importante abordar a importância do planejamento governamental relacionado com as demandas do capital nacional e internacional no processo de ocupação e apropriação do Centro-Oeste Brasileiro. A chegada da agricultura de exportação, da agroindústria e a consolidação do setor terciário com a sociedade informacional não podem ficar de fora dessa leitura. No primeiro momento será abordado o processo de intensificação da ocupação do território goiano provocado pela “Marcha para o Oeste”, com a construção de Goiânia, consolidado pela construção de Brasília e pela chegada da modernização dos métodos de cultivo da agricultura no Cerrado Brasileiro. No segundo momento, serão apontados alguns pontos importantes da influência do desenvolvimento econômico de Goiás e seus efeitos na transformação sócioespacial das redes urbanas de Goiânia e Brasília com a intensificação dos fluxos migratórios. No terceiro momento, será realizada uma leitura do Goiás inserido no mundo das redes que controlam e comandam as transformações sócioespaciais, da complexidade que implica uma leitura de redes num território em constantes transformações.

**Palavras-chave:** Goiás: economia e sociedade; Transformações sócio-territoriais; Urbanização, metropolização e redes urbanas.

## TRANSFORMATION IN GOIÁS: CAPITALISM, MODERNIZATION AND NEW PARTNER SPATIAL DISPOSALS

### ABSTRACT

This work has for purpose to argue the process of transformation of the goiano territory in the last few decades of century XX for here, when the State inserts in the circuit of the modernization and in the intensive flow of capital. In this direction, it is important to approach the importance of the governmental planning related with the demands of the national and international capital in the occupation process and appropriation of the Brazilian Center-West. The arrival of the agriculture of exportation, the agroindustry and the consolidation of the tertiary sector with the informacional society cannot be out of this reading. At the first moment the process of intensification of the occupation of the goiano territory provoked by the “March for the West” will be boarded, with the construction of Goiânia, consolidated for the construction of Brasília and the arrival of the modernization of the methods of agriculture in the Brazilian Open pasture. At as the moment, some important points of the influence of the economic development of Goiás and its effect in the partner spatial transformation of the urban nets of Goiânia and Brasilia with the intensification of the migratory flows will be pointed. At the third moment, a reading of the inserted Goiás in the world of the nets that control and command the transformations partner spatial, of the complexity will be carried through that implies a reading of nets in a territory in constant transformations.

<sup>1</sup> Recebido em 29/09/2008  
Aprovado para publicação em 29/12/2009

**Key words:** Goiás: economy and society; Partner-territorial transformations; Urbanization, Metropolitan growth and urban nets.

## GOIÁS: OCUPAÇÃO E PLANEJAMENTO

O capitalismo é imediatista, ou seja, visa o lucro quase que instantaneamente em detrimento dos impactos sócio-ambientais que poderão ocorrer a partir de suas investidas (MENDONÇA, 2004).

O século XX é um marco no processo de ocupação e apropriação do estado de Goiás, pois o território goiano que era, até então, caracterizado por uma ocupação rural e de atividade produtiva de pecuária extensiva e agricultura de subsistência (fazenda goiana<sup>2</sup>), marchou rumo à modernização capitalista.

Assiste-se, então, a partir de 1930 - com a política de integração do governo Vargas - à ocupação do território Goiano como uma prioridade nacional, inserida num projeto que, no âmbito regional, buscava articular as regiões produtivas do Estado de Goiás, principalmente as regiões sul e sudoeste e, no âmbito nacional, buscava adequar o país a um novo ritmo de produção capitalista (OLIVEIRA, 2006). Sendo assim, a apropriação e ocupação do território Goiano, neste período, dá-se de maneira planejada e com interesses e funções políticas e econômicas bastante definidas. Era o Brasil integrando o sertão ao litoral, através da Marcha para o Oeste. Era a possibilidade de modernização de Goiás, que poderia sair do “adormecimento” e tornar-se o “coração do Brasil”.

Para que esse projeto se viabilizasse, inúmeros foram os recursos usados. Desde acordos políticos e econômicos a campanhas publicitárias, que tinham como objetivo difundir a idéia da necessidade de modernização. O novo era o caminho. Para isso, nada melhor que um projeto arrojado e moderno que vislumbrasse a integração e o desenvolvimento; era a inserção do sertão nos tempos modernos. O Goiás das “Tropas e Boiadas” de Hugo de Carvalho Ramos deveria se render ao traçado de Versalhes, de Atilio Correia Lima.

Essas transformações que tiveram como objetivo principal inserir, de fato, o território goiano na economia capitalista e, conseqüentemente, tornar o Cerrado produtivo e lucrativo, alteraram de forma significativa a configuração socioespacial do território goiano. As cidades passaram a ser locus principal desta ocupação e a antiga paisagem do cerrado foi se modificando e se transformando, predominantemente, em grandes plantações e em empresas agropecuárias. O que era rural tornou-se agrícola em um curto intervalo de tempo.

A terra, que até então era considerada “de baixa produtividade”, com os incrementos técnico-científicos (calcário, máquinas agrícolas de últimas gerações, pivôs, etc) se transformaram em terra de primeira e, conseqüentemente, um “paraíso” para a implantação do agronegócio (grandes plantações de grãos e, mais recentemente, da cana-de-açúcar). Ressalta-se ainda os subsídios e as facilidades propiciadas pelos governos estadual e federal, em especial a partir da segunda metade do séc. XX, através de linhas de créditos específicas, incentivos fiscais, infra-estruturas, dentre outros.

Assiste-se, assim, pela lógica do mercado de consumo global e do capital transnacional, à mais brusca transformação sócioespacial do cerrado goiano. A transformação do rural em agrícola mecanizado em um período histórico tão curto gerou impactos econômicos, sociais, culturais e espaciais que hoje podem ser claramente percebidos. Pode-se dizer que o Cerrado Goiano, hoje, presencia vários tempos em um mesmo espaço (SANTOS, 2002).

Em recente trabalho de campo realizado no Sudoeste Goiano, pudemos presenciar o outro lado da modernização. A ema, figura principal do Parque Nacional das Emas, agora vive nas lavouras de soja, localizadas ao longo de todo o entorno do PARNA. Encontra-se em cidades

<sup>2</sup> Segundo Estevam (2006, p.64) [...] a fazenda goiana apresentava [...] características peculiares; não se utilizava predominantemente do trabalho servil e a escravatura [...] A organização não apresentava características básicas de formação de classes e não promovera até então, divórcio entre meios de produção e a força de trabalho. Com esses elementos característicos [...] contrastava com a fazenda cafeeira, unidade básica mercantil. Também diferentemente da fazenda açucareira- de rígida hierarquia tradicional – as fazendas tradicionais goianas organizaram-se de maneira peculiar, engendrando uma ordem social bastante singular.

como Mineiros e Jataí uma enorme disparidade socioeconômica que antigamente era característica exclusiva das metrópoles. Sem falar da criação de cidades totalmente verticalizadas, como é o caso de Chapadão do Céu e das empresas transnacionais com tecnologia e mecanização de ponta, algumas já robotizadas, que concentram a maior parte de sua produção para o mercado externo, além da escassez de geração de empregos em grande escala, ao contrário do que comumente se anuncia. O território goiano é ao mesmo tempo rico e miserável, tradicional e contemporâneo, lento e rápido. Enfim, as contradições do capital estão nítidas em sua paisagem.

Mas como essas transformações influenciaram o imaterial? Qual a consequência destas transformações na cultura e na memória dos chamados povos tradicionais? Por que o Cerrado é um território em disputa?

A vinda de migrantes do Sul do país, a transformação do modo de produção e empreendimento no Cerrado, a mudança do rural para o agrícola aliado ao processo de urbanização da contemporaneidade, dentre outros fatores, fizeram e/ou fazem que o Cerrado (população e paisagem – objetos e ações) seja um território em disputa, onde a aparência pode ser moderna e cosmopolita, mas a essência ainda é tradicional.

As comunidades rurais, em grande parte, migraram para as cidades levando com elas seus costumes, tradições, crenças e modo de vida, passando pelo processo de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2004). Esse processo também acontece com os migrantes e com as populações que já eram consideradas urbanas. Existe um movimento constante de trocas, mudanças e enraizamento. Existe o confronto diário do local com o global, como existe também a sua fusão em determinados momentos.

Isso transformou a relação da população goiana com o seu território, com seus lugares, gerando uma produção diferenciada dos espaços geográficos por todo o estado. Tais mudanças são reflexos do atual modelo econômico adotado pelos governos goianos, que privilegiam a modernização e a mercantilização de tudo – principalmente se for para destinar ao mercado global –, o que tem influenciado o desenvolvimento urbano de Goiás.

## **ECONOMIA E DESENVOLVIMENTO URBANO DE GOIÁS**

Ao longo do tempo, Goiás passou por transformações significativas no que se refere a sua estrutura social. Contudo, em nenhum momento de sua história, desde o início da mineração no século XVIII, as mudanças foram tão intensas quanto nas três últimas décadas do século passado e neste começo de milênio. Neste período o estado se tornou urbano e alcançou os primeiros lugares nos índices de urbanização do país. E em consequência disso surgiram diversos problemas sociais e ambientais.

Segundo Arrais (2006):

Na genealogia do território goiano a década de 1970 aparece em destaque nas abordagens econômicas e geográficas. Esse fato justifica-se, em certa medida, pela observação dos resultados do censo demográfico que apontou uma inversão no padrão de localização e, por consequência, distribuição das densidades demográficas e técnicas no território goiano.

Tudo isso se deu no decorrer da modernização agrícola gerada pela chegada das inovações da Revolução Verde em nosso país por volta da década de 1960, atingindo o nosso estado no início da década de 1970, que mudou o modelo de apropriação do espaço e, conseqüentemente, a dinâmica econômica e territorial de Goiás.

Desde então, o estado tem recebido ainda mais imigrantes vindos de diversas unidades da federação brasileira, de outras regiões ou do próprio Centro-Oeste, assim como tem se intensificado as migrações internas no sentido rural-urbano. Com isso tem se tornado claras as mudanças do padrão populacional estadual, de majoritariamente rural – sertanejo, caipira, etc. – a majoritariamente urbano, “moderno”, interligado à dinâmica econômica do capitalismo globalizado – verticalizado.

A chegada da soja, por volta de 1975, em Rio Verde, seguida pela chegada da cana-de-açúcar, em Santa Helena, cerca de dez anos mais tarde e o aumento da pecuária intensiva na região sudoeste do estado neste mesmo período, marcaram a virada na economia goiana. Assim,

Goiás se confirmou entre os estados potenciais de grandes produtores agrícolas do país, alcançando, em 2005, o posto de 3º maior produtor nacional de soja, o de 1º de sorgo, o de 1º de tomate, o 3º lugar de algodão herbáceo (em caroço), o 5º de milho e o 6º de cana-de-açúcar. Na pecuária os números não são diferentes, pois o estado possui hoje o 2º maior rebanho de gado leiteiro, é o 2º maior produtor de leite, tem o 4º maior rebanho bovino, o 6º avícola e o 8º suíno<sup>3</sup>.

Contudo, todo esse aparente progresso não traz só benefícios, pois de acordo com Matos (2006, p. 71), “muito embora a modernização tenha atingido direta ou indiretamente todo o país, esta se processou de forma espacialmente concentrada e socialmente seletiva”, o que a torna conservadora e excludente (GRAZIANO DA SILVA, 1982). E isto gerou problemas sociais graves tanto de âmbito rural quanto urbano.

Como exemplo disso, temos os processos de “metropolização” e “periferização” desenvolvidos na capital goiana, que hoje já conta com mais de 1,2 milhões de habitantes, chegando a mais de 1,6 milhões se incluirmos na contagem a população total de sua região metropolitana<sup>4</sup>. E em consonância com o que tem ocorrido em nível nacional, as cidades que compõem a Região Metropolitana de Goiânia têm crescido em ritmo mais acelerado que a própria capital nas últimas duas décadas. Neste processo Goiânia se tornou uma cidade desigual e segregada, marcada pela diferenciação espacial entre o centro e a periferia (GOMES, 2007).

Isso ocorre devido ao intenso processo de valorização do solo na cidade, que segundo Carlos (1999) se dá por que: “O espaço urbano aparece como movimento historicamente determinado num processo social. O modo de produção do espaço contém um modo de apropriação, que hoje está associado à propriedade privada da terra”. Esse processo tem forçado, dia após dia, a população de baixa renda a se direcionar para as áreas mais afastadas das porções centrais de Goiânia ou mesmo para suas vizinhas, como Aparecida de Goiânia, Senador Canedo e Trindade.

Ao se entrar no mérito do complexo processo de desterritorialização e reterritorialização decorrentes do desenvolvimento da Região do Entorno de Brasília, os problemas se tornam ainda mais latentes. Neste espaço já se encontram algumas das áreas mais violentas do país, com desafios sociais e urbanos alarmantes, como os observados no bairro-cidade de Samambaia. Para Arrais (2006) a atração/repulsão de grandes contingentes populacionais gerada por Brasília é o principal fator de explicação do inchaço urbano da região de seu entorno.

Estas e outras conseqüências do processo de modernização agrícola de Goiás e de sua urbanização, amplamente induzida pelo primeiro processo, ocorrem, segundo Oliveira (2001), porque:

o progresso nos moldes ocidentais remete à idéia de crescimento econômico, sendo medido pelo acúmulo de riquezas materiais produzidas ou apropriadas. Assim, um povo desenvolvido seria aquele que acumularia maior riqueza. Não há vinculação direta com o bem-estar social e ambiental, muito embora se espere que esses objetivos sejam também atingidos através da riqueza econômica.

Diante de tudo isso, podemos dizer com base em Freitas (2007) que:

devemos compreender o processo de urbanização menos como causa do que conseqüência da modernização econômica do território. Essa urbanização deriva portanto das novas necessidades de uso do território no sentido de favorecer a circulação de mercadorias e, por conseguinte, a realização da mais-valia social nesse processo de circulação. Toda a estrutura desenvolvida a partir do processo de urbanização tem como objetivo primordial à organização do território para absorver os processos engendrados pela nova dinâmica econômica.

Sendo assim, podemos relacionar o que Morais (2006) chamou de “captura do território goiano pelo capital”, com o processo de urbanização de nosso estado. Isso porque, conforme Goiás foi

<sup>3</sup> Dados da SEPLAN de Goiás, baseado no banco de dados do IBGE.

<sup>4</sup> Segundo dados do IBGE elaborados através do censo de 2000.

se consolidando nas relações de mercado, o seu papel na atual divisão nacional e internacional do trabalho – o de produtor e exportador de gêneros agropecuários, industrializados, semi-industrializados e mesmo não-industrializados – foi também dando forma ao seu processo de urbanização. As cidades cresciam devido ao, cada vez mais intenso, êxodo rural, condicionado pela modernização do campo.

O abandono forçado ou “espontâneo” do espaço agrário goiano, somado ao aumento da migração inter-regional em direção a nosso estado, teve papel importante na consolidação da RMG e da Região do Entorno de Brasília. Todos esses fatores condicionaram o desenvolvimento urbano de Goiás como um processo desigual e concentrador tanto de renda, quanto de pessoas. O que se expressa com clareza na produção do espaço da metrópole Goiânia, que possui num raio aproximado de 40 km áreas com o absurdo valor de R\$ 5 mil o metro quadrado – em bairros como o Bueno, o Marista e o Jardim Goiás – e outras com o módico valor de aproximadamente R\$ 3 mil para um lote de cerca de 350 m<sup>2</sup>.

Foi tudo isso que gerou a necessidade da adoção de políticas de desenvolvimento urbano regional em nosso estado, o que deveria cumprir o papel de reduzir as desigualdades históricas construídas sob a égide do binômio neoliberalismo/globalização, na atual dinâmica capitalista mundial.

### **GOIÁS EM REDES: DINAMICIDADE E FLUXOS DO TERRITÓRIO CONTEMPORÂNEO**

A trajetória do pensamento geográfico sobre as constituições das redes como organizadoras do espaço produtivo das regiões pode ser considerada portadora de um intenso dinamismo a partir do momento em que surgem as inovações dos processos produtivos com os avanços tecnológicos e técnico-informacionais.

A organização do território goiano sob a tutela do capital nacional e internacional na contemporaneidade desvenda suas múltiplas dimensões sócioespaciais (CHAVEIRO, 2005) proporcionadas pela captura do território goiano pelo capital (MORAES, 2005). Essa nova organização territorial está intrinsecamente relacionada à organização em redes constituídas pelo capital industrial do Goiás moderno e seus segmentos da agroindústria implantada a partir da segunda metade do século XX no Centro-Oeste brasileiro.

A modernidade do mundo contemporâneo, a globalização e seus efeitos regionais e locais na sociedade, a tecnologia da informação e comunicação na versão mais recente da revolução industrial são elementos que contribuem para novos paradigmas do pensamento geográfico e suas influências na construção do pensamento e dos métodos de pesquisa na Geografia (SPOSITO, 2001). Essas influências não poderiam deixar de transformar as teorias sobre a organização do espaço produtivo em redes.

As teorias dos “lugares centrais” de Christaller (1893-1969) e dos “pólos de crescimento” de Perroux (1903-1987) durante muitos anos influenciam as leituras sobre rede, não somente na Geografia, mas também em outras áreas do conhecimento. Não podemos dizer que essas teorias estão superadas ou ultrapassadas, uma vez que ainda é comum encontrarmos análises espaciais sobre a centralidade ou polarização de algumas cidades brasileiras com forte argumentação de ambas as teorias. Isso é sinal que elas não foram superadas, apenas ganham novos elementos e influências como acontece com a teoria da “economia informacional”, de Castells (1999), para a qual a rede se estabelece no fluxo de informações e conhecimentos via meios avançados de comunicação que ligam pontos específicos da economia local ao mercado mundial. No entanto, é importante ressaltar que Castells submete a organização em rede a apenas o fluxo informacional, o que contraria muitos geógrafos por negar, de certa forma, a importância dos fixos nesse contexto. Um pouco disso é apresentado por Castells (1999: 87):

Chamo-a de informacional e global para identificar suas características fundamentais e diferenciadas e enfatizar sua interligação. É *informacional* porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus

componentes (capital, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação.

É como se ele substituísse o espaço geográfico pelo espaço cibernético. Na verdade, geograficamente dizendo, há uma espacialidade geográfica dos espaços cibernéticos que terão sempre como resultado a transformação dos espaços físicos, seja na construção de estruturas para uso da tecnologia, seja pelas transformações culturais influenciadas pela comunicação avançada e globalizada que alteram as paisagens urbanas. O que Castells (idem) chama de “principais atividades produtivas” se materializa no espaço geográfico de várias formas e conteúdos e ordenam o planejamento urbano regional.

A complexidade da organização econômica da sociedade contemporânea traz dinamicidade ao estudo do território e este assume papel importante na pesquisa geográfica que antes era ocupado apenas pelo estudo de região para explicar os fenômenos em redes.

O acelerado processo de industrialização da agricultura somado ao, também acelerado, processo de urbanização e migração campo/cidade e cidade/cidade, contribuiu com a formação dos centros metropolitanos de Goiânia e Brasília, com os complexos industriais da soja do Sudoeste Goiano, com a industrialização de Catalão no Sudeste Goiano, Anápolis no Centro e Aparecida de Goiânia na Região Metropolitana de Goiânia, bem como com a explosão dos setores terciários em Goiânia e Anápolis.

Contudo, as hierarquias das cidades goianas, baseadas na interdependência econômica, produtiva e política, ainda persistem na constituição de pólos regionais como herança dos vários planejamentos governamentais elaborados e implementados para o desenvolvimento do território goiano. Porém, essas hierarquias passam a ser mais políticas nos últimos anos, principalmente em relação aos investimentos estatais no processo de produção e nos serviços sociais básicos como educação e saúde.

Ainda é comum falarmos em Região de Iporá, Região de Ceres, Região de Rio Verde, dentre outras, por conta da importância dessas cidades em seus aglomerados urbanos. Por outro lado as tecnologias informacionais ligam tanto as cidades consideradas pólos quanto as pequenas e médias ao mercado global, negociam seus produtos e serviços sem a intermediação das demais cidades. O sistema de comunicação avançado leva o que há de mais novo no modo de falar, andar e vestir para qualquer lugar.

Mas também há o inverso: cidades com elementos culturais significativos apresentam suas marcas específicas e locais ao mundo globalizado e moderno, transformam suas culturas em mercadorias e a tradição em “novidade”. Isso só foi possível com a sociedade informacional.

A leitura do território em redes que antes era feita nas dimensões econômicas, políticas e produtivas, assume dimensões culturais com a consolidação das tradições festivas de cidades como Goiás, Pirenópolis e Trindade, que produzem também o turismo das festas tradicionais como mercadoria que movimenta as maiores cifras anuais para essas cidades.

O Goiás moderno tem as mãos na modernidade e os pés na tradição. As regiões em que se estudavam as redes são fragmentadas em vários territórios econômicos e culturais. As empresas se instalam fisicamente no território goiano, porém, sua gestão não pertence a lugar algum; está inserida num sistema de rede internacional que movimenta o fluxo de capital que a alimenta, ao mesmo tempo em que é alimentado por ela.

O fluxo migratório que é acelerado e concentrado permite dizer que há cidades que ainda são pólos econômicos regionais, mas perdem, a cada ano, habitantes para outros centros, ou seja, ele movimenta capital e não pessoas. Essas pessoas tendem a migrar para as grandes regiões metropolitanas e intensificam o processo de desterritorialização e reterritorialização (HAESBAERT, 2004), que culmina na superposição de territórios numa mesma região ou espaço geográfico.

Portanto, para se fazer uma leitura do Goiás em redes é interessante que se tenha a sensibilidade para enxergar um Goiás dinâmico e em processo de transformação estrutural e superestrutural, com grande influência dos modelos de planejamentos que foram implantados

durante seu processo de modernização, mas com profundas transformações provocadas pela sua relação com a modernidade e a globalização, constituindo múltiplos territórios de diversas dimensões socioespaciais.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda (Org). **Tantos cerrados**: múltiplas abordagens sobre a biogeodiversidades e singularidade cultural. Goiânia: Ed. Vieira, 2005.
- ARRAIS, Tadeu Alencar. O território goiano: uma abordagem quase contemporânea do desenvolvimento regional. In: **XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Belém-PA, maio de 2007.
- CARLOS, Ana Fani A. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 1999.
- CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Goiânia, uma metrópole em travessia**. 2001. Tese. (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, USP, São Paulo, 2001.
- \_\_\_\_\_. **A práxis simbólica do Goiás profundo**. Goiânia: Mimeógrafo, 2007.
- \_\_\_\_\_. Símbolos das paisagens do cerrado goiano. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.). **Tantos cerrados**. Goiânia: Ed. Vieira, 2005. P. 47-62.
- \_\_\_\_\_. **A captura do território goiano e a sua múltipla dimensão socioespacial**. Goiânia: Gráfica e Editora Modelo, 2005.
- CASTELLS, Manuel. **cidade em Rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**; Tradução; Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999
- DUARTE, Laura Maria Goulart; SANTANA, Maria Lúcia (Orgs). **Tristes cerrados**: sociedade e biodiversidade. Brasília: Paralelo 15, 1998.
- ESTEVAM, Luís. **Tempo da transformação**: estrutura e dinâmica econômica de Goiás. Goiânia: Ed. da UCG, 2004.
- FREITAS, César Augustus L. L. de et al. Reestruturação produtiva e território: as mudanças estruturais em Goiás e seu processo de urbanização. In: **XII Encontro da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional**, Belém-PA, maio de 2007.
- GOMES, Rui Rocha. Goiânia desigual e segregada. In: PAULA, M. de A. & CAVALCANTI, L. de S. (Orgs.). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007.
- GOIÁS. Governo de Goiás. Secretária de Agricultura, Pecuária e Abastecimento. **Anuário Estatístico Agropecuário do Estado de Goiás – 2005**. Goiânia: SEAGRO, 2005.
- GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás. **Anuário de 2005**. Disponível em: <<http://www.seplan.go.gov.br/>> Acesso em: 24, junho de 2007.
- GRAZIANO DA SILVA, José. **A modernização dolorosa: estruturação agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil**. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1982.
- HAESBAERT, Rogério. **O Mito da Desterritorialização**: do “fim dos territórios” multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.
- \_\_\_\_\_. Desterritorialização entre as redes e os aglomerados de exclusão. In: CASTRO, Iná Elias; CORRÊA, Roberto Lobato; GOMES, Paulo César da Costa (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. P. 165-2005.
- MATOS, Patrícia Francisca de. A consolidação da modernização agrícola e os impactos ambientais. In: **Revista Mediação**, Pires do Rio - GO, v. 1, n. 1, 2006.
- MENDONÇA, Marcelo Rodrigues; OLIVEIRA, André Luiz. **O modelo energético brasileiro: ameaça ao bioma cerrado e aos povos cerradeiros**. Disponível em: <[www.observatoriogeogoiias.com.br](http://www.observatoriogeogoiias.com.br)> Acesso em: 10, agosto de 2007.
- MORAES, Robson de Sousa. As formas contemporâneas da captura capitalista do território goiano. In: CHAVEIRO, Eguimar Felício. (org.). **A captura do território goiano e a sua**

**múltipla dimensão socioespacial.** Goiânia: Gráfica e Editora Modelo, 2005.

Miranda NETO, José Queiroz de. **Interface Entre o Estudo das Redes e as Teorias de Desenvolvimento Regional.** In: XII Encontro da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Anais. Belém: 21 a 25 de maio de 2007.

OLIVEIRA, Adão Francisco de. A Reprodução do Espaço Urbano de Goiânia: uma cidade para o capital. In: MOYSÉS, Aristides (org.). **Cidade, segregação urbana e planejamento.** Goiânia: Editora da UCG, 2005.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. A agropecuária modernizada e sua sustentabilidade no Cerrado: o caso do município de Jataí (GO). In: **Boletim Goiano de Geografia**, v. 21, n. 2 – jul./dez., 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** São Paulo: Hucitec, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem.** 5. ed. São Paulo: Edusp, 2004.

\_\_\_\_\_. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA, Clarinda Aparecida. Antigos e novos olhares viajantes pelas paisagens do Cerrado. In: ALMEIDA, Maria Geralda (Org.), **Tantos cerrados.** Goiânia: Ed. Viera, 2005. P. 21-43.